



CRÍTICA marxista



Revista de difusão e discussão da produção intelectual marxista em sua diversidade, bem como de intervenção no debate e na luta teórica em curso.



Editora Revan





Copyright © 2003 by Armando Boito Jr. e Caio Navarro de Toledo, 2003

Crítica Marxista nº 17

Todos os direitos reservados no Brasil pela Editora Revan Ltda. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Revisão

Vanessa Salustiano
Roberto Teixeira

Capa

Alexandre Benoit

Impressão e acabamento

(Em papel off-set 75g. após paginação eletrônica, em tipos Optima e Kabel Bk BT. 11/30)

ISSN 0104-9321

1ª edição: novembro de 2003



CRÍTICA marxista

Comitê editorial

Armando Boito Jr. – Universidade Estadual de Campinas / Caio Navarro de Toledo – Universidade Estadual de Campinas / Décio Saes – Universidade Metodista de São Paulo / Hector Benoit – Universidade Estadual de Campinas / Isabel Maria Loureiro – Universidade Estadual

Paulista / João Quartim de Moraes – Universidade Estadual de Campinas / João Roberto Martins Filho – Universidade Federal de São Carlos / Patrícia Trópia – Pontifícia Universidade Católica de Campinas / Sérgio Lessa – Universidade Federal de Alagoas

Conselho editorial

Adalberto Paranhos – Universidade Federal de Uberlândia / Adriana Doyle Portugal – socióloga / Altamiro Borges – jornalista / Andréia Galvão – cientista política / Aldo Durán Gil – cientista político / Amarílio Ferreira Junior – UFSCar / Arlete Moisés Rodrigues – Universidade Estadual de Campinas / Augusto Buonicore – historiador / Carlos César Almendra – Fundação Santo André (SP) / Ciro Flamarion Cardoso – Universidade Federal Fluminense / Claudinei Coletti – sociólogo / Clovis Moura – historiador / Duarte Pereira – jornalista / Edgard Carone – *in memoriam* / Edilson José Graciolli – Universidade Federal de Uberlândia / Emir Sader – Universidade de São Paulo / Eliziário Andrade – Universidade Católica de Salvador, Bahia / Eurelino Coelho – Universidade Estadual de Feira de Santana (BA) / Ester Vaisman – Universidade Federal de Minas Gerais / Fernando Novais – Universidade Estadual de Campinas / Fernando Ponte de Sousa – Universidade Federal de Santa Catarina / Flávio Castro – cientista político / Florestan Fernandes – *in memoriam* / Francisco Foot Hardman – Universidade Estadual de

Campinas / Francisco Farias – Universidade Federal do Piauí / Francisco José Teixeira – Universidade Estadual do Ceará / Franklin Oliveira – historiador / Genildo Ferreira da Silva – Universidade Federal da Bahia / Gildásio Santana Jr. – Universidade Estadual da Bahia, Vitória da Conquista / Guilherme Cavalheiro Dias Filho – Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Hector Saint-Pierre – Universidade Estadual Paulista / Hermenegildo Bastos – Universidade Nacional de Brasília (DF) / Iná Camargo – Universidade de São Paulo / Isaac Akcelrud – *in memoriam* / Ivo Tonet – Universidade Federal de Alagoas / Jacob Gorender – historiador / Jesus José Ranieri – Universidade Estadual Paulista / João Francisco Tidei de Lima – Universidade Estadual Paulista / Jorge Grespan – Universidade de São Paulo / Jorge Miglioli – Universidade Estadual Paulista / Jorge Novoa – Universidade Federal da Bahia / José Carlos Ruy – jornalista / José Corrêa Leite – jornalista / José Francisco Xarão – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul / José Luís Soares – sociólogo / José Roberto Zan – Universidade Estadual de Cam-



pinas / Leda Maria de Oliveira Rodrigues – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Lelita Benoit – Universidade Metodista de São Paulo / Lígia Maria Osório – Universidade Estadual de Campinas / Luciano Martorano – sociólogo / Marcelo Ridenti – Universidade Estadual de Campinas / Marcos Del Roio – Universidade Estadual Paulista / Maria Elisa Cevasco – Universidade de São Paulo / Maria Orlanda Pinassi – Universidade Estadual Paulista / Mário José de Lima – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Marisa Lajolo – Universidade Estadual de Campinas / Marly Vianna – Universidade Federal de São Carlos / Mauro Iasi – Fundação Santo André / Maurício Chalfin Coutinho – Universidade Estadual de Campinas / Maurício Tragtenberg – *in memoriam* / Mauro C. B. de Moura – Universidade Federal da Bahia / Muniz Ferreira – Universidade Federal da Bahia / Nelson Prado Alves Pinto – Universidade Estadual de Campinas / Nelson Werneck Sodré – *in memoriam* / Noela Invernizzi – socióloga / Osvaldo Coggiola – Universidade de São Paulo / Paulo

Cunha – Universidade Estadual Paulista / Paulo Denisar Fraga – Universidade Regional do Noroeste do RS (Unijuí) / Paulo H. Martinez – Universidade Estadual Paulista / Pedro Leão Costa Neto – Universidade Tuiuti do Paraná / Pedro Paulo Funari – Universidade Estadual de Campinas / Pedro Vicente da Costa Sobrinho – Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Raimundo Jorge Nascimento de Jesus – Universidade Federal do Pará / Regina Maneschy – socióloga / Renato Monseff Perissinotto – Universidade Federal do Paraná / Ronaldo Barros – Universidade do Estado da Bahia / Rosa Maria Vieira – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / Sérgio Braga – Universidade Federal do Paraná / Sérgio Prieb – Universidade Federal de Santa Maria, RS / Sílvio Costa – Universidade Católica de Goiás / Sílvio Frank Alem – *in memoriam* / Tânia Pellegrini – Universidade Estadual Paulista / Valério Arcary – historiador / Virgínia Fontes – Universidade Federal Fluminense / Wolfgang Leo Maar – Universidade Federal de São Carlos / Zilda Gricoli Iokoi – Universidade de São Paulo

Colaboradores internacionais

Atilio Borón – Argentina / Domenico Losurdo – Itália / Ellen Meiksins Wood – Canadá / Enzo Santarelli – Itália / Frederic Jameson – Estados Unidos / Gianfranco La Grassa – Itália / Giuseppe Prestipino – Itália / Guido Oldrini – Itália / Guillermo Foladori – Uruguai / István Mészáros – Inglaterra / James Green – Estados Unidos / James

Petras – Estados Unidos / Maria Turchetto – Itália / Michael Löwy – França / Michel Ralle – França / Mimo Porccaro – Itália / Nestor Lopez – Argentina / Nicolas Tertulian – França / Pierre Broué – França / Ronald Chilcote – Estados Unidos / Serge Wolikow – França / Timothy Harding – Estados Unidos

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

REVISTA *CRÍTICA MARXISTA*
Armando Boito Jr.
Cemarx, IFCH, Unicamp
Caixa Postal 6110
13083-770 Campinas SP

www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista



Sumário

Apresentação 7

ARTIGOS

A hegemonia neoliberal no governo Lula 10
Armando Boito Jr.

O que é (anti)capitalismo? 37
Ellen Wood

Para uma crítica da categoria de totalitarismo 51
Domenico Losurdo

Marx Tardio: notas introdutórias 80
Pedro Leão da Costa Neto

Esboço para o estudo do ponto de vista
da mercadoria na literatura brasileira 96
Luiz Roncari

COMENTÁRIOS

Pós-grande indústria: trabalho imaterial e
fetichismo – uma crítica a A. Negri e M. Hardt 109
Eleutério Prado

Para realizar a América, de Richard Rorty, e
sua recepção no Brasil 131
Suze de Oliveira Piza



DOCUMENTO

Notas introdutórias ao texto de F. Engels sobre a marca 141
Lígia Osório Silva

A marca 147
Friedrich Engels

RESENHAS

História do Marxismo no Brasil 164
Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis F^o (orgs.)
Virgínia Fontes

Neoliberalismo e lutas sociais no Brasil 171
Armando Boito Jr., Andréia Galvão, Patrícia Vieira Trópia et al.
Edílson Graciolli

Panorama do Rio Vermelho. Ensaio sobre o teatro americano moderno 175
Iná Camargo Costa e Mário Fernando Bolognesi

Bourgeoisie: État d'une classe dominante 178
Vários autores, Paris, Eds. Syllèpse, 2001
Francisco Farias



APRESENTAÇÃO

Informamos nossos leitores e amigos que, a partir deste número 17, *Crítica Marxista* passa a ser publicada pela Editora Revan, sediada na cidade do Rio de Janeiro. Com esta nova editora, esperamos melhorar a distribuição da revista e reiteramos nosso compromisso de manter o padrão e a linha editorial que têm credenciado nossa publicação no debate e na produção marxista brasileira.

Na seção *Artigos*, o texto de Armando Boito Jr., “A hegemonia neoliberal no governo Lula”, sustenta que o neoliberalismo logrou implantar uma nova hegemonia burguesa no Brasil, hegemonia de tipo regressivo que vem sendo mantida ativamente pelo governo de Lula. O corporativismo de setores minoritários do operariado e o populismo conservador que se dirige a trabalhadores empobrecidos e desorganizados seriam os responsáveis pelo impacto popular do neoliberalismo. Esses setores populares sustentam o continuísmo do governo Lula por acreditarem que é possível se livrar dos efeitos destrutivos do capitalismo neoliberal mantendo ou até radicalizando esse modelo.

Em “O que é (anti)capitalismo?”, a historiadora Ellen Meiksins Wood contesta a afirmação segundo a qual os movimentos anticapitalistas apenas saberiam *contra* o que lutam e não a *favor* do que lutam. Para a autora, a maioria sabe perfeitamente a *favor* do que luta – por exemplo, por justiça social, paz, democracia e um meio

CRÍTICA MARXISTA • 7



ambiente sustentável – mas tem menos claro *contra* o quê, concretamente, precisa lutar para alcançar esses objetivos. Assim, para poder definir nosso *anticapitalismo*, precisamos ter bastante clareza sobre o que é o capitalismo – o que ele permite, promove ou impede. De forma clara e concisa, a autora discute aspectos relevantes e cruciais do capitalismo contemporâneo.

O artigo de Domenico Losurdo desmistifica a noção de “totalitarismo”, mostrando, notadamente através do progressivo alinhamento de Hanna Arendt com a ideologia anticomunista da guerra fria, sua função de cavalo de batalha da reação liberal. Em “Marx tardio: notas introdutórias”, Pedro Leão da Costa Netto examina o último período da produção teórica de Marx que vai de 1871 até sua morte em 1883. Os textos desse período, que são pequenos artigos, notas de leitura e uma extensa correspondência, permitiriam, segundo o autor, discernir a imagem de um *outro* Marx. Por último, o artigo de Luiz Roncari procura mostrar como a literatura brasileira oscilou sempre entre duas perspectivas: uma, na qual se via como meio de realização de ideários políticos e, mais tarde, do sucesso econômico e, outra, em que procurou radicalizar a sua visão crítica das condições do humano na história.

Na seção *Comentários* são discutidas algumas obras que tiveram repercussão no debate de idéias nos meios acadêmicos e políticos. “Pós-grande indústria: trabalho imaterial e fetichismo – uma crítica a A. Negri e M. Hardt”, texto de Eleutério F. Prado, retoma o debate que *Crítica Marxista* tem propiciado sobre as idéias recentes de Antonio Negri. Eleutério Prado mostra que tais idéias detectam e consideram algumas importantes transformações da economia capitalista, mas conferem a elas dimensão e conseqüências que não possuem. Suze Piza discute o livro de Richard Rorty *Para realizar a América: o pensamento de esquerda no século XX na América*. Em seu comentário, a autora examina criticamente as principais questões e teses apresentadas por Rorty e o impacto que tiveram no meio intelectual brasileiro.

Retomando o projeto de divulgar textos fundamentais do pensamento marxista, *Crítica Marxista* publica na seção *Documento* o texto *A marca*, de F. Engels, precedido de uma introdução de Lígia Osório. Escrito com o objetivo de explicar aos operários alemães a história da propriedade da terra e da desagregação

8 • APRESENTAÇÃO





da comunidade camponesa na Alemanha, trata-se de notável texto não somente por seu conteúdo histórico-materialista, mas também pela atualidade de seu tema central no Brasil de hoje. Esse texto de Engels, publicado em alemão pela primeira vez em 1882, permanecia inédito em nossa língua.

Quatro resenhas completam a última seção deste número de *Crítica Marxista*.

O leitor talvez tenha notado uma mudança no estilo da capa da revista neste número 17. Sobre essa mudança, o artista gráfico Alexandre Benoit, que é o responsável pelas nossas capas, apresentou as seguintes observações:

“Procurei neste trabalho desenvolver outro rumo, diferente daquele que vinha seguindo e que era fundamentado na perspectiva construtiva da vanguarda soviética dos anos 20. Este novo rumo expressa uma pesquisa minha quanto à composição abstrata (concreta) a partir de materiais e objetos banais arrancados do cotidiano para assumirem na composição um significado estético-social.

A textura preta da capa é um saco de lixo retorcido, ‘presentando’ a lona dos barracos das ocupações de todo ‘Brasil’, de um modo não literal; o vermelho, pedaço de papel recortado, é quase a tentativa de imprimir o movimento (formal e político) na composição.

É um momento de experimentação, portanto, bastante livre e mutável, em construção.

Há neste rumo uma inspiração na forma com que Hélio Oiticica/Glauber Rocha e sua geração se apropriaram esteticamente do Brasil.” (Alexandre Benoit)